GLOBALIZAÇÃO E RELIGIÃO

Agemir de Carvalho DIAS

Até aqui vimos as análises realizadas pela sociologia sobre a religião no período que vai do surgimento do capitalismo até o começo do século XX. Procuramos relacionar o surgimento da disciplina à compreensão de um mundo em transformação com o surgimento do capitalismo. As mudanças que ocorreram na forma de produção, na organização política da sociedade, no modo de se pensar trouxeram também mudanças na vida religiosa e na forma de interpretá-la.

O capitalismo não ficou restrito a Europa Ocidental, ele se expandiu e tornou-se mundial. A universalização do modo de produção capitalista, a tendência a uma perda de identidade cultural ou desenraízamento planetário e o crescimento do relativismo podem ser considerados os principais elementos do movimento de globalização. Assim a globalização torna-se "*um processo de decomposição e recomposição da identidade individual e coletiva que fragiliza os sistemas simbólicos dos sistemas de crenças e pertencimento." (PACE, 1997:32).*

O impacto do processo de globalização na vida religiosa tornou-se um novo paradigma dos estudos da sociologia da religião. O mundo tornou-se o macro-sistema de análise e a religião em um mundo globalizado passará por mudanças na qual ela deixará de ser uma referência cultural de uma nação ou sociedade ultrapassando fronteiras simbólicas e tornando-se "religiões globalizadas".

Uma das conseqüências da globalização é a construção de uma sociedade cada vez mais plural que exige a convivência dos diversos. Neste sentido surge toda uma gama de problemas que vão desde o afastamento dos crentes das religiões institucionais, o frágil pertencimento, o crescimento dos fundamentalismos e a participação da religião na esfera pública

O impacto da globalização nas religiões

A globalização não é um fenômeno recente, desde a formação dos impérios na antiguidade e a formação dos impérios na modernidade, temos um processo em que o poder local representado pela tribo ou mais recentemente pelo estado-nação homogêneo vai sendo substituído por um sistema internacional, com implicação em todas as esferas da vida em sociedade. O processo de formação de uma sociedade globalizada é assim delineada por Robertson (1992:88-89).

- Fase I – A fase embrionária - aconteceu na Europa e vai do século XV até a metade do século XVIII. Principais características: crescimento das comunidades nacionais; acentuação do conceito de indivíduo e de humanidade; teoria heliocêntrica do mundo e começo da geografia moderna; difusão do calendário gregoriano.
- Fase II – A fase incipiente – se estendeu na Europa da metade do século XVIII até a década de 1870. Principais características: mudança brusca em direção ao estado unitário homogêneo; indivíduos como cidadãos; aumento das relações internacionais regulamentadas; admissão de outras nações não européias na ordem internacional.
- Fase III – A fase da decolagem – que vai de 1870 a 1920 – principais características: formação de conceitos globais; aumento acentuado das formas globais de comunicação; início do movimento ecumênico; desenvolvimento das competições internacionais; adoção da hora universal e expansão do uso do calendário gregoriano; Primeira Guerra Mundial.
- Fase IV – A fase da luta pela hegemonia – que se estendeu desde o começo da década de 1920 até a primeira metade da década de 1960. Características principais: guerra fria; formação da ONU; futuro da humanidade discutida a partir do impacto do holocausto e da bomba atômica; cristalização do terceiro mundo.
- Fase V – A fase da incerteza – início da década de 1960 até o presente. Principais características: intensificação da consciência global; descida na lua; acentuação de valores “pós-materialistas”; fim da guerra fria; crescimento das instituições e movimentos globais; direitos civis se tornam questões globais; crescimento do interesse na sociedade civil mundial e na cidadania mundial; consolidação do sistema global da mídia; o islamismo como movimento

desglobalizador/reglobalizador; emergência da questão ambiental.

A sociedade global tornou-se uma realidade. Ainda a principal teoria para análise dessa sociedade moderna no que diz respeito a análise da religião é a de que o mundo contemporâneo é um mundo desencantado.(PRANDI:1997,p.63). Esta teoria enfrenta o paradoxo de que ao mesmo tempo em que há uma secularização do indivíduo e de diversas sociedades também vivemos em uma época de vigor religioso devido ao crescimento e expansão das religiões tradicionais e o surgimento de novas religiões.

Para Reginaldo PRANDI (1997) as principais transformações vividas pela religião na sociedade global estão ligadas ao crescimento da religiosidade em um mundo desencantado onde as principais decisões não são tomadas na esfera da religião. O crescimento das religiões estaria ligado ao fato da sociedade global ser *problemática, descontínua, heterogênea e fragmentada e fragmentária.*

Há também um sentimento de fracasso das soluções dadas pela sociedade da razão. A crença nas potencialidades do homem colocava em segundo plano a divindade. Mas as conquistas realizadas pelo homem colocaram em risco a própria existência da humanidade no planeta. Por outro lado a busca religiosa atual está muito ligada a soluções tópicas, onde a religião é tida como uma prestadora de serviços espirituais.

O desenraízamento causado pela globalização afeta a religiosidade em dois sentidos: pode servir para o indivíduo como uma possibilidade de mudança de identidade optando por uma religião diferente daquela em que ele nasceu, ou como modo de reforçar a sua identidade ligada a um determinado grupo ou etnia. Mas os dois sentidos são expressões de religiosidades individualizadas em que pertencer a um grupo religioso é uma opção a ser tomada ou não. Conforme PRANDI (1997:65) é um modo de ser diferente de sentir-se contra a corrente.

A participação da religião na sociedade moderna acontece dentro de uma lógica de mercado em que o enfraquecimento do estado-nação e com uma revalorização das diferenças étnicas, religiosas e culturais, se mostra aberta para o consumo de produtos e serviços de toda origem. Uma das características da globalização é a diversidade e a diversificação.

Como a religião é construtora de sentido surge a questão sobre a forma como a religião irá contribuir para a formação de lealdades em uma sociedade globalizada. Segundo PRANDI (1997:67) a pluralidade de religiões pode também trazer uma pluralidade de concepções políticas, mas esse autor não vê a possibilidade de que a religião ocupe um lugar central no desenvolvimento de alternativas políticas globais.

A questão da busca por fundamentos na sociedade global é apontada por

ROBERTSON (1999) como uma das transformações em curso nas religiões. Na análise feita por Robertson o crescimento dos fundamentalismos religiosos não é apenas uma reação a globalização, mas é parte constituinte da mesma. Da mesma forma que houve ideologias seculares a respeito da globalização, também as religiões construíram imagens globalizadas em que elas teriam o papel na formação de uma unidade em um mundo partido.

A visão a respeito do indivíduo passa também por uma modificação que ajuda na emergência de um discurso fundamentalista totalizante, pois a medida que se desenvolveu uma relativização sobre o que é o ser humano, e também interpretações relativas a história mundial, a busca por fundamentos encontrou na religião uma explicação unificante da história e do indivíduo.

Já para ORTIZ (2001) as principais transformações que podem ser apontadas nas religiões devido ao processo de globalização estão associadas ao fato que na medida em que o mundo expandiu e encolheu ele transformou-se em um "local". Ortiz entende que a divisão clássica entre religiões universais e particulares não se aplica em um mundo globalizado.

> Estou convencido de que o processo de mundialização da cultura transforma radicalmente as noções de internacional, nacional e local. Nesse sentido, as religiões "particulares" têm também seu estatuto alterado pela globalização (penso, por exemplo, na mobilidade dos candomblés e dos vaudous que podem hoje ser encontrados em Paris, Buenos Aires, Nova York, distantes de seu núcleo de origem). (ORTIZ, 2001, p.59)

Partindo dessa premissa Ortiz aponta alguns aspectos em que a globalização está transformando a religião. A primeira delas é a própria noção de religião universal como aquela que pudesse unificar a diversidade existente dentro de um mesmo padrão normativo. O universal enfrenta as realidades locais e por causa disso o universal só existe como potencialidade enquanto na localidade permanecem as religiosidades locais.

As idéias de que com a modernidade haveria um declínio da religião por causa da primazia da ciência também não se concretizaram segundo Ortiz. O que houve foi o crescimento da diversidade religiosa enquanto o ideal de unidade da nação se constituía em torno do Estado. A religião deixou de ser o elemento de construção de coesão social e pode adquirir outras funções como a de contestação.

As religiões de características universais levam vantagem com a globalização, pois os temas deixaram de estar ligados ao Estado-nação e tornaram-se mundiais, assim é que as religiões podem atuar em diversas partes do mundo sem se restringir as fronteiras. Religiões se manifestam em assuntos globais como o meio ambiente ou a paz no mundo.

No processo de globalização houve uma remodelação do papel exercido pelas religiões principalmente no campo político onde as ações além de locais podem ser além-fronteiras. Os exemplos são múltiplos como a organização de pastorais ligadas a problemática da terra em diversos países com ações diretas ou apoiando instituições internacionais como a Via Campesina. Outro exemplo é o apoio aos grupos conservadores dentro do Islamismo que se organizam em redes espalhadas por diversos países.

No mundo globalizado a idéia da religião como a depositária da memória e das tradições de um povo ressurgem com o enfraquecimento do Estado-nação como unificador das tradições. Foi o que ocorreu na antiga Iugoslávia, com o fim desse Estado ressurgiram as diversas etnias: bósnios, sérvios, croatas. A reorganização dessas nações ocorreu em torno da religiosidade ancestral.

Por sua vez o desenraízamento a que muitas pessoas foram levadas permitiu que se construíssem outros “territórios do sagrado” como é o caso do candomblé que hoje é praticado não somente entre os afro-descentes e podendo ser encontrados terreiros em diversas partes do mundo. Nesse caso a religiosidade não cumpre apenas a função de depositária da memória, mas é criadora de vínculos de solidariedade que transcendem a territorialidade.

Como as religiões adquirem uma função de construção de identidade no mundo globalizado os novos conflitos pós guerra fria podem ser tratados em termos de *choque de civilizações*. A religião como elemento importante na formação da idéia de civilização volta a ser valorizada tanto pela mídia quanto pelos estudiosos no que diz respeito à análise dos conflitos. Assim conflitos localizados são tratados nessa perspectiva como os que ocorrem na Palestina (judaísmo x islamismo), no Sudão (islamismo x cristianismo) e na Cashemira na Índia (hinduísmo x islamismo).

Para superar a idéia de que a paz no mundo tem como causa as religiões nascem iniciativas inéditas de diálogo e cooperação entre as religiões. Uma das opções filosóficas para o diálogo inter-religioso é a que propõem a formação de uma ética global para isso cresce os estudos das religiões com o objetivo de se procurar elementos éticos comuns com o objetivo de se formar um *ethos* mundial pela paz.

Religiões globalizadas.

A relação local/global é o principal problema trabalhado pela sociologia no que diz respeito ao processo de globalização. Para entender a relação local/global ROBERTSON (1999) indica que em grande parte o que é caracterizado como local é construído em bases translocal ou extralocal. Robertson para trabalhar a relação local/global utilizou a expressão *glocalização* para designar que o local não é visto como contraponto do global, mas como um aspecto da globalização.

A internacionalização das religiões por muito tempo esteve ligada ao processo de expansão dos impérios colonizadores. A onda missionária cristã do século XIX foi interpretada a partir da idéia da expansão do capitalismo, representado principalmente pela Inglaterra e Estados Unidos, mas também por outras forças coloniais. Na atualidade essa forma de explicar a expansão das religiões torna-se insuficiente diante da pluralidade do fenômeno religioso presente nas diversas nações.

Com a globalização tudo se tornou local no sentido de que não há mais religiosidades típicas de uma nacionalidade. Mesmo religiões com características ligadas especificamente a um povo ou etnia perderam essas peculiaridades. É o caso das religiosidades tribais que se adaptaram no processo de desenraízamento.

Na África muitas práticas das religiosidades tradicionais foram incorporadas nas igrejas cristãs autóctones. Hans KÜNG (2004) analisa a formação dessas igrejas africanas como protesto a religião dos colonizadores. O protesto não aconteceu como retorno às religiões tradicionais, mas como resignificação da religião cristã na forma de igrejas africanas independentes.

Também as religiões afro-brasileiras como a Umbanda passaram por um processo de adaptação a realidade transnacional. O processo de expansão dessa religiosidade para os países do cone-sul (Argentina e Uruguai) com a formação de Federações de Umbanda nesses respectivos países está ligado a idéia de internacionalização das religiões afro-brasileiras levada a efeito por um seleto grupo de pais de santo de Porto Alegre. Nesse caso a Umbanda passou por uma transformação em que deixou de ser uma religião tipicamente brasileira para se tornar uma religião transnacional.

Ainda Hans KÜNG (2004) fez uma classificação das religiões a partir do local das suas origens, trabalhando com a idéia de que elas estão espalhadas por todo o mundo:

- As religiões originárias da Índia: hinduísmo e budismo.
- As religiões originárias da China: confucionismo e taoísmo.
- As religiões originárias do Oriente Médio: judaísmo, cristianismo e islamismo.

A classificação de Küng, mesmo sendo precária e excludente, nos dá uma visão dos eixos pelo qual se dá a globalização das religiões. A mística das religiões da Índia, a sabedoria das religiões chinesas e o profetismo das religiões semíticas formam o *ethos* com que essas religiosidades se colocaram para a escolha dos indivíduos em uma sociedade global.

A religião na Índia que reúne diversas tradições locais foi chamada pelos europeus de hinduísmo. Esta religiosidade se construiu sob as relações sociais em sistema de castas. As transformações ocorridas com a modernidade (urbanização, industrialização e democratização) abalaram a estrutura de castas. No processo de globalização do hinduísmo o sistema de castas é descartado e outros valores acabam adquirindo centralidade. Princípios como a não-violência, a veracidade, o não furtar, a vida pura e o não possuir tornam-se aspectos adotados por pessoas em todo mundo, juntamente com práticas meditativas como a Yoga.

Das religiões chinesas foram “globalizadas” as idéias de equilíbrio de energia e o cultivo da harmonia. A preocupação com a harmonia do sistema social é própria do Confucionismo, já a harmonia da vida interior é a ênfase do taoísmo. A perspectiva dessas religiosidades apareceu como uma nova forma de entender o ser humano como um ser integral. Pensados como um sistema integral de harmonia entre o microcosmo e o macrocosmo essa religiosidade tornou-se uma forma da ideologia explicativa para muitos dos problemas enfrentados em nossos dias entendidos como desequilíbrios entre o homem e a natureza.

Na mesma trilha do questionamento dos paradigmas de construção da modernidade no ocidente o Budismo ascendeu como uma opção religiosa que procura um equilíbrio entre meditação e ação. As atitudes de benevolência, compaixão, abertura para o próximo e equilíbrio pregadas pelos adeptos do budismo se consagraram como necessárias para o processo de desenvolvimento em que a humanidade se encontra em perigo por causa da tecnologia e da ciência.

Das religiões de origem semítica na classificação de Küng, o judaísmo e o cristianismo estão diretamente associados às sociedades modernas. O judaísmo ainda é uma religiosidade associada ao povo judeu. Depois de viver uma série de perseguições em todas as partes do mundo e de sobreviver ao holocausto nazista os judeus formaram o Estado de Israel na Palestina. É uma religião que vive o dilema de manter as tradições e de se modernizar. A influência do judaísmo permeia as duas outras grandes religiões de origem semita o cristianismo e o islamismo. Mais recentemente tendências místicas do

judaísmo como a Cabala têm conseguido adeptos em muitos lugares.

Das grandes religiões a que mantém uma relação mais tumultuada com o processo de globalização é o Islamismo. Com o avanço da modernidade européia e a decadência do Império Otomano no século XIX o Islã ficou em uma posição defensiva aos novos valores advindos com a globalização. Políticas de modernização como as realizadas por Atatürk na Turquia levaram a secularização do país e causaram uma reação conservadora do Islã ao paradigma moderno. Com a revolução iraniana em 1979 reacendeu em amplos setores do islamismo sentimentos contrários a globalização.

Essa posição conservadora de setores do Islamismo acabou criando um paradoxo em que o Islã se tornou a principal religião contrária ao processo de modernização ocidental e por outro lado a religião que mais cresce em números de adeptos no mundo. Assim o Islã apresenta uma peculiar agenda para o processo de globalização buscando uma nova base espiritual para a economia, para a cultura e sociedade através da fé no Deus único e na submissão à sua vontade e aos seus mandamentos.

O Cristianismo é a religião mais identificada com o processo de globalização. Esta identificação é interpretada em muitos lugares como sinal de imperialismo ou de neo-colonialismo. O processo de globalização é visto com simpatia por segmentos que atuam em perspectiva mundial como o movimento ecumênico e pela Igreja Católica, também se pode incluir nessa perspectiva os novos movimentos missionários ligados as correntes pentecostais. O crescimento dessas novas missões pentecostais tornou-se um fenômeno mundial cuja característica é a sua diversidade. Alguns agrupamentos cristãos ligados ao movimento fundamentalista se posicionam contra a globalização por causa dos valores secularizantes e multiculturais presentes no processo.

A transnacionalização da Religião tem causado certa perplexidade por causa da multiplicidade de situações encontradas no mundo. O fenômeno da presença de minorias islâmicas significativas na Europa, e a conversão de europeus ao islamismo, têm causado um mal estar que se apresenta na forma de uma nova xenofobia. Na mesma problemática se encontra também ações terroristas, ameaças de morte a escritores e outros artistas que criticam o islamismo, e a relação com o Estado laico são fatores que agravam a situação da relação com outras religiosidades em um mundo global.

Um fenômeno novo é a transnacionalização da religião em uma direção sul/norte e oriente/ocidente. Novos movimentos religiosos como o neopentecostalismo brasileiro começam a ganhar o mundo com o envio de missionários. O exemplo da Igreja Universal do Reino de Deus é apenas um entre várias situações. Essa igreja fundada pelo Bispo Edir Macedo em 1978 tornou-se em poucos anos a igreja que mais cresceu no Brasil e

com missionários em mais de cem países contando com significativo número de adeptos em alguns países africanos.

Da mesma forma religiões do oriente estão cada vez mais presentes e influentes no ocidente como é o caso do budismo que tem ganhado adeptos em vários países europeus, nos Estados Unidos e também no Brasil. Este processo de globalização das religiões trouxe a questão da convivência com a pluralidade e a diversidade.

A questão da pluralidade religiosa.

Cada vez mais a importância das diferenças dentro das diversas sociedades nos tem levado para alguns desafios à sociologia e às ciências das religiões. Os principais desafios se encontram no reconhecimento da não-homogeneidade étnica e religiosa das sociedades modernas. Também a não-integração dos grupos que carregam e defendem as diferenças étnicas e religiosas são fortes componentes de conflito dentro da sociedade e que muitas vezes estão associados a diversos tipos de discriminação e preconceitos. A questão dos grupos majoritários e os processos sociais que tendem à discriminação dos grupos minoritários são uma fonte constante de violação dos direitos humanos. Surge assim uma demanda por inclusão e por pluralidade de esferas de valor e práticas institucionais no sentido da reparação de exclusões históricas.

A questão da pluralidade é discutida nos limites da organização do Estado Democrático como garantidor dos direitos básicos do cidadão sem discriminação de sexo, raça e religião. Essa discussão com relação a questão da pluralidade foi pensada pelo canadense Charles Taylor que cunhou o termo *política do reconhecimento* para designar as ações em prol de grupos minoritários naquilo que hoje se chama de multiculturalismo.

O multiculturalismo é uma forma de reconhecimento da pluralidade cultural. Muda-se assim a idéia de estado-nação como unificador cultural para o de incentivador e protetor das diversas culturas presentes no Estado. Na visão de Taylor há uma crítica do *liberalismo igualitário*, que não percebe as diferenças entre os homens na sociedade.

Para VITA (2002) é necessário levar em consideração a distinção feita por Brian Barry de que encontramos dois usos do conceito de multiculturalismo, o primeiro é descritivo que mostra a pluralidade cultural dentro da sociedade moderna, esse fenômeno estaria ligado a própria disputa entre católicos e protestantes na Europa no século XVI e XVII. O segundo uso do conceito se relaciona a posição normativa multicultural, ou um programa multicultural. Onde a pluralidade não é individual, mas coletiva e que reafirma

direitos de determinados grupos dentro da sociedade. Nesse sentido VITA (2002:9) expõe assim a questão da política multiculturalista: *parte da idéia de que quando há identidades culturais envolvidas não basta garantir direitos iguais entre membros de minorias e os membros da maioria cultural.*

Essas políticas têm implicações religiosas importantes como a isenção de cumprimento de normas legais por determinados grupos religiosos, assim é que determinados grupos religiosos reivindicam direitos de manter a sua próprias normas familiares em detrimentos das normas do Estado democrático, ou no caso dos Testemunhas de Jeová de não aceitar determinados tratamentos médicos mesmo quando se trata de crianças, ou dos Sikhs de dirigir motocicletas sem capacete pois o uso do mesmo os obrigaria a tirar o turbante que faz infringir suas regras religiosas.

A política multiculturalista exige um esforço que leva em conta a especificidade histórica e a relatividade cultural. Outra questão é estabelecer parâmetros de convivência com a prática da tolerância religiosa que pode ser aplicada ao longo de um grande espectro, que vai de uma necessidade pragmática até ser considerada como uma obrigação moral e ética. Assim, a tolerância exigida no diálogo plural pode variar de proteção das especificidades de um pequeno grupo religioso até a análise mais elaborada das teologias religiosas. Assim as questões do multiculturalismo para a convivência em uma sociedade plural tratam de reconhecer a diferença como elemento-chave da paz e do progresso humanos, de celebrar, aprovar e reafirmar a diferença como valor básico e essencial.

Lidar com as diferenças que encontramos em nossa sociedade pluralista é um desafio que se impõem para a Democracia. Essas diferenças estão relacionadas a assuntos básicos e essenciais sobre o que é uma vida com sentido e qualidade. Um dos assuntos básicos está os *direitos humanos* como ponto de partida da questão da pluralidade. Um dos principais direitos do homem é o da diversidade cultural, por isso a UNESCO (2001) aprovou a declaração da diversidade cultural, um dos documentos mais importantes para a questão da pluralidade religiosa.

No artigo primeiro da Declaração Sobre Diversidade Cultural da Unesco a questão da diversidade cultura é tratado como patrimônio comum da humanidade e reconhece a pluralidade de identidades como necessária para a humanidade da mesma forma que a diversidade biológica. Com essa declaração a Unesco condena as políticas homogeneizadoras e reconhece a situação plural em que se encontra a sociedade moderna, torna-se uma violação de direitos o desrespeito da diversidade cultural e em especial a religiosa.

> • **Artigo 1º**. A diversidade cultural, patrimônio comum da humanidade. A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como à diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em beneficio das gerações presentes e futuras. (Unesco: 2001)

Com relação ao pluralismo cultural o documento sobre Diversidade incentiva as políticas que favoreçam a inclusão social. Há uma revolução na abordagem a respeito da coesão social pois a diversidade era tida como um impedimento a paz dentro do Estado, assim pensava os idealizadores de uma religião civil como elemento unificador dentro de um Estado. Na percepção da Unesco o pluralismo cultural é a resposta política à diversidade cultural e entende que a pluralidade é criadora e alimenta a vida pública.

> • **Artigo 2º.** Da diversidade cultural ao pluralismo cultural. Em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa das pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver. As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. Definido desta maneira, o pluralismo cultural constitui a resposta política à realidade da diversidade cultural. Inseparável de um contexto democrático, o pluralismo cultural é propício aos intercâmbios culturais e ao desenvolvimento das capacidades criadoras que alimentam a vida pública. (Unesco:2001)

Outro elemento a ser destacado na Declaração Universal sobre a diversidade é a relação entre pluralidade e desenvolvimento. O fato de ampliar as possibilidades de escolha a diversidade cultura é uma das fontes de desenvolvimento, pois permite acesso a *uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória.* (Unesco:2004).

Já para as religiões a pluralidade traz o problema de reconhecimento do outro e estabelece novos desafios como a abertura para o diferente como uma forma de construção de identidade. O cenário da globalização modifica os processos tradicionais de produção e reprodução identitária dos grupos sociais, pois exige a negociação de valores com outros agrupamentos que convivem no mesmo espaço social.

Também há exigência da reflexidade, pois a possibilidade de invasão, destruição ou subordinação de determinado agrupamento, faz com que a identidade de determinada religiosidade enfrente os desafios da inserção de fluxos globais sobre a localidade que impõe a necessidade de que a religiosidade se recomponha e estabeleça estratégias para responder a esses desafios e mantenha a sua identidade própria.

Essa questão a respeito da pluralidade trouxe a tona o problema da tolerância na sociedade moderna como também do diálogo entre as religiões como um desafio para a convivência em uma sociedade globalizada. Novos referenciais teóricos na sociologia estão sendo desenvolvidos para entender esses e outros fenômenos ligados a globalização.

Conclusão

O capitalismo no século vinte tornou-se globalizado. Depois da queda do muro de Berlim ele se tornou praticamente hegemônico. Esse fato fez com que a sociedade se tornasse global, e que o global se tornasse local. As religiões também estão sendo influenciadas por esse fenômeno da globalização e o processo de desenraizamento que está acontecendo no mundo inteiro.

As preocupações das religiões não se restringem mais a um lugar ou a um grupo étnico. Elas estão presentes em todas as partes do mundo competindo umas com as outras. Muitas idéias religiosas estão se incorporando na vida das pessoas sem que esta se torne um praticante da religião. Também verificamos que está havendo um processo de transnacionalização das religiões.

O fato das religiões se tornarem globais o mundo se tornou mais diversificado e plural. Com isso a uma preocupação mundial para essa pluralismo não se torna um motivo para guerras e preconceitos, por isso a Unesco aprovou a Declaração Sobre a Diversidade Cultural com o objetivo de incentivar a pluralidade. Conceitos como o de multiculturalismo são cada vez mais aceitos e promovidos em diversos países.